

Ética e Sustentabilidade

O comportamento da natureza sempre intrigou o pensamento do homem. A simples compreensão de que o sol nascente não é novo cada manhã, mas é sempre o mesmo, foi uma descoberta que trouxe para a astronomia as mais preciosas consequências.

Entre as muitas ideias que podem ser suscitadas, destaca-se o valor do tempo. No passado permanece o que passou. A historicidade, o passado é talvez a forma mais segura de existir. O futuro é incerto para nós, ou seja, condicional. O presente é a possibilidade de escolher, pois viver é selecionar em cada momento uma única possibilidade entre as muitas que a vida nos apresenta.

Na vivência cotidiana da experiência humana, a reflexão é o veículo que une o teórico ao prático. A reflexão toma a experiência e a examina criticamente, e conecta as nossas experiências com as dos outros, construindo com elas uma rede em que o passado, o presente e o futuro estão relacionados. Este aprendizado comum é capaz de desenvolver, a partir de si mesmo, métodos que vão assegurar a sua direção e criar padrões inerentes de julgamento e valor. Dentro dessa perspectiva, tem-se a oportunidade de tornar mais claros os conceitos de valorizar e avaliar, bem como a articulação entre meios e fins que constituem uma base para os juízos de valor. Tais juízos mostram-se necessários à filosofia moral, que hoje abarca a consciência planetária, na moldagem do Ethos da sustentabilidade, em seu esforço de garantir a vida no presente e no futuro.

Desde a Grécia antiga, a ética é reconhecida como a explicitação das razões contidas no *ethos* de uma determinada cultura para organizá-las sistematicamente e criticamente na forma de uma “ciência do *ethos*”.

A ética transcreve, pois, num discurso racionalmente ordenado, as raízes normativas, as concernentes a valor, e as raízes teleológicas presentes no mundo da vida, sendo que a força espontânea de persuasão destas raízes se enfraquece em momento de crise histórica.

Sendo o *ethos* uma realidade histórico-cultural, para os sofistas a ética se limitava a justificar em razão tal realidade, ou a submeter as particularidades do *ethos* à crítica racional.

Para Sócrates, cabe à ética mostrar no *ethos* a presença de fins e valores universais homólogos à universalidade da razão, e que atendam às exigências de um agir verdadeiramente racional. Tal alternativa possibilitou, de fato, uma ciência do *ethos* e aí está por que Sócrates é considerado o fundador da ciência moral.

Tanto Platão quanto Aristóteles receberam o ensinamento socrático como sendo especificamente filosófico e sua doutrina um fruto, por excelência, da razão filosófica.

Na média antiguidade, a ética como ensinamento sobre a eudaimonia ou beata vida acaba sendo entendida como a razão de ser da filosofia.

A natureza intrinsecamente filosófica da ética reaparece com extraordinária nitidez quando é repensada na perspectiva de uma forma desconhecida do pensamento antigo. Trata-se da teologia cristã, que abre ao pensamento ético, em sua forma clássica, novos e insuspeitados horizontes¹. A dramática experiência humana de Santo Agostinho e a experiência intelectual de Santo Tomás de Aquino ofereceram uma privilegiada ocasião para a recepção da ética filosófica antiga na teologia cristã.

A partir da Idade Média, tem início o vasto processo de transformação do sistema de referências fundamentais que rege a vida intelectual no ocidente na forma da razão clássica. As vicissitudes da ética no novo universo da razão, que aparece já constituído em suas coordenadas originais desde os tempos cartesianos, vão acompanhando a remodelação do edifício do saber, que passa a ter na ciência físico-matemática seu padrão superior de inteligibilidade. A Filosofia acaba submetida de uma maneira ou de outra a esse padrão, perdendo sua condição de uma *scientia rectrix*, que lhe era atribuída em sua concepção clássica e que era por excelência a prerrogativa da ética.

É verdade que, de Descartes a Hegel, e, de modo eminente, em Kant, a ética ou moral é, sob certo aspecto, o coração do projeto filosófico. Mas a razão moderna tem como uma de suas características fundamentais, derivada da própria natureza do modelo empírico-formal que a rege, o especializar-se em múltiplas formas de racionalidade que irão finalmente entrelaçar-se na imensa rede de sistemas formais que hoje envolve nossa cultura.

Com o desenvolvimento das chamadas ciências humanas nos tempos pós-hegelianos, a ética sofre sua atração e vem situar-se como ciência empírica e descritiva, uma ciência dos costumes.

No século XVII, Thomas Hobbes dá o passo inicial na “desconstrução” da ética filosófica, ao adotar um modelo de feição rigidamente mecanicista na concepção do ser humano e na interpretação do seu agir. Tal modelo implica uma rejeição do finalismo do bem, eixo do pensamento ético tradicional, e uma explicação da atividade humana em termos de exclusiva satisfação das necessidades do indivíduo.

A herança da tradição filosófica continuou, no entanto, a ser cultivada na primeira metade do século XX, na obra de alguns dos maiores filósofos da época, entre eles Max

¹ VAZ, Henrique C. de Lima. *Escritos de Filosofia IV – Introdução à Ética Filosófica* 1. São Paulo: Edições Loyola, 2008, p. 22.

Scheler e Henri Bergson. Ela permanece igualmente, embora derivando, sobretudo para os problemas da metaética, no mundo anglo-saxônico com G. E. Moore e seus discípulos.

A obra de Charles Taylor nos EUA, Robert Spaemann na Alemanha, A. Comte – Sponville na França e de vários outros pensadores contemporâneos mostra, apesar do clima adverso do niilismo reinante, a persistência da conceptualidade filosófica como a única adequada para uma reflexão compreensiva sobre os fundamentos da ética².

É no contexto da filosofia contemporânea que vamos encontrar o pragmatismo. As correntes do pensamento ético do século XX provêm de algum modo dos três grandes paradigmas que dominaram a reflexão ética no século XIX. O *empirismo* é a marca da cultura filosófica anglo-saxônica, o racionalismo distingue a tradição francesa, e o historicismo, a tradição alemã.

O pragmatismo é a forma assumida na filosofia contemporânea pela tradição clássica do empirismo inglês.

Para o pragmatismo, a verdade é considerada como tal, não porque possa ser confrontada com os dados da experiência passada, mas, sim, por poder ser usada na experiência futura.

É inserido no pragmatismo que vamos encontrar John Dewey (1859-1952), o qual ocupou posição de destaque na filosofia americana dos séculos XIX e XX, despertando o interesse também de outras partes do mundo.

Dewey chama a sua filosofia de instrumentalismo. Segundo Dewey, o desafio principal dos sistemas abertos não é levar o processo a um fechamento que seria produzir um produto “perfeito”, mas, sim, dirigir as transformações de uma tal maneira que o caráter transformacional do processo seja mantido. Cada ponto de chegada é, nesta estrutura, um novo início, e cada novo início é conectado historicamente com seu passado. Nos termos de Dewey, cada final é um *ponto crítico* no processo contínuo de organizar a atividade e, portanto, de construir significado da experiência.

“A tradição hegeliana tomou a experiência como constituindo um todo unificado, dinâmico e singular, no qual em última instância tudo está relacionado. Tal é o conceito da experiência filosófica em Dewey”³.

² VAZ. Henrique C. de Lima. Ética e Razão Moderna. *Síntese* - Revista Trimestral da Faculdade de Filosofia da Companhia de Jesus – Centro de Estudos Superiores, Belo Horizonte, v. 22, n. 68, p. 53-85, jan-mar. 1995.

³ MURPHY. John. *O Pragmatismo* – De Peirce a Davidson. Tradução de Jorge Costa. Portugal: Edições Asa, 1990, p. 89-90.

Os escritos de John Dewey sobre experiência e natureza publicados em 1925 iniciam-se com considerações sobre experiência e método filosófico. Neles, Dewey chama a atenção para um contexto no qual natureza e experiência convivem harmoniosamente. Em tal contexto, a experiência apresenta-se como o único método para atingir a natureza, penetrar seus segredos e onde a natureza revelada empiricamente, ou seja, pelo uso do método empírico na ciência natural, aprofunda, enriquece e dirige o desenvolvimento posterior da experiência.

Nas ciências naturais, há uma união entre experiência e natureza onde o pesquisador é obrigado a utilizar o método empírico para que os resultados da pesquisa sejam considerados genuinamente científicos. O pesquisador reconhece que a experiência, controlada de maneira especificável, é a avenida que conduz aos fatos e às leis da natureza. A razão e o cálculo são utilizados livremente, pois não seria possível progredir sem usá-los. É preciso tomar providência para que tais empreendimentos de ordem teórica partam do objeto diretamente experienciado e nele termine.

Nos dias atuais, é possível notar que a filosofia moral, no cumprimento de sua tarefa de orientar a conduta humana e a convivência pacífica dos povos, abarca a consciência planetária no sentido da busca da moldagem de um *ethos* da sustentabilidade, visando salvaguardar a vida na terra, o desenvolvimento humano e a paz entre as nações.

O debate ecológico traz consigo inúmeras críticas, reivindicações e sugestões. Algumas delas de caráter interplanetário. Em meio a este debate visando a maturidade na formação ecológica cidadã, temos que reconhecer que as decisões se tomam no concreto da cultura presente de uma sociedade.

A ética de John Dewey é histórica e social: como na teoria da pesquisa, nela também desponta aquele sentido de interdependência e de unidade inter-relativa dos fenômenos, que se explicitará no conceito de *interação* entre indivíduo e meio físico social. Assim, os valores também são fatos tipicamente humanos. São planos de ação, tentativas de resolver problemas que brotam da vida associada dos homens. E constitui objetivo da filosofia educar os homens a refletir sobre os valores humanos mais elevados, da mesma forma que eles aprenderam a refletir sobre aquelas questões que se inserem no âmbito da técnica.

Dewey explica que ter uma experiência não é um mero passar por certas coisas ou dispor delas de um modo mecânico. A percepção é um ato de saída de energia a fim de receber energia, não uma retenção de energia. Para tornarmo-nos impregnados de um assunto, temos, primeiramente, de submergir nele. É preciso fazer um chamado à energia e lançá-la como resposta a fim de assimilar. Nas palavras de Dewey: “O princípio de continuidade da

experiência significa que toda experiência tira alguma coisa daquelas que aconteceram antes e modifica de alguma maneira a qualidade daquelas que vêm depois”⁴.

Todas as nossas experiências envolvem um contexto situacional, que não é apenas espacial e temporal, mas também continuamente mutável e potencialmente rico de significado, conhecimento e valor. Nossas experiências têm continuidade bem como consequências futuras. O significado da experiência é a formação de hábitos como também pensamentos que respondam às necessidades da vida e do desenvolvimento. A experiência tem muitos aspectos os quais envolvem significado estético, intelectual, moral ou religioso.

Dewey parte da natureza e da experiência, analisando a evolução de ambas na história. É o que podemos conferir em *Experiência e Educação*, quando nos diz que “as descobertas do passado constituem o único meio de nos possibilitar compreender o presente”. Ele nos leva a considerar que, assim como o indivíduo precisa recorrer à memória do seu próprio passado para compreender as condições em que ele individualmente se encontra, também as questões e problemas da vida social estão em conexão íntima e direta com o passado. Para compreender tais problemas e a melhor forma de lidar com eles, temos que explorar suas raízes no passado.

O princípio correto de que os objetivos do aprendizado no futuro e sua matéria imediata estão na experiência presente só pode surtir efeito na medida em que a experiência presente seja alongada para trás. E somente poderá expandir para o futuro se essa experiência for ampliada a ponto de incluir o passado.

No campo da sustentabilidade, é possível ilustrar tais considerações com atitudes em prol da conservação da natureza e do homem, que são descritas ou mostradas através dos atuais meios de comunicação.

Muitas vezes é preciso reconhecer que, mesmo que um objetivo grandioso não possa ser alcançado num único intento, não se deve excluir a possibilidade de uma aproximação lenta e gradual. Pois, como observa Frege, “quando um problema parece insolúvel em toda a sua generalidade, deve-se provisoriamente restringi-lo; pois talvez possa ser resolvido por ampliações graduais”⁵.

Recentemente, o noticiário da Rádio Vaticano referiu-se à existência de cursos que tratam da obtenção de combustíveis de *segunda geração* nos países de língua portuguesa.

⁴ DEWEY, John. *Experience and Nature*. New York: Dover Publications, 1958, p. 35.

⁵ FREGE, Gottlob. *Lógica e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Edusp, 2009, p. 47.

Deixou claro que, nos combustíveis de segunda geração, não existe a competição direta com a geração de alimentos e explicou: na moagem da cana de açúcar, ao separar-se parte do caldo de cana para a fabricação do açúcar e parte para a obtenção do etanol, o combustível compete diretamente com o alimento.

Quando se utiliza apenas o bagaço da cana para a produção de etanol, este não está competindo diretamente com a obtenção do alimento humano.

A situação acima descreve dois meios diferentes de se obter um mesmo fim, qual seja, a obtenção de biocombustível, sendo que o de segunda geração é o que mais convém.

A imprensa também tem divulgado aspectos que orientam a conduta humana em sua relação com a natureza e sua necessidade de usufruir dos frutos da mesma.

Em 18 de julho deste ano de 2012, o jornal *Estado de Minas* apresentou, em primeira edição, um suplemento intitulado “Pensar & Agir”.

Embora reconhecendo que a informação seja imprescindível para que as pessoas formem juízos de valor sobre a realidade, o referido suplemento tem como objetivo principal a reflexão sobre o mundo que nos cerca. Mas, por certo esta reflexão nos conduzirá a uma escolha adequada em nosso modo de agir.

Para melhor orientar nosso pensamento no sentido de impulsionar ações que visem proteger nosso meio ambiente, vale destacar a importância da preservação das florestas brasileiras como um dos principais fins a se buscar.

Uma vez que é nas florestas e matas que se encontram as nascentes de nossos rios, torna-se necessário o cuidado com as matas que as circundam, conservando-as e protegendo nossos rios.

Uma alternativa ao desmatamento zero foi apresentada em “Pensar & Agir” ao se defender uma causa da qual dependem todos os seres vivos de nosso planeta, que é justamente a preservação das florestas⁶.

A Organização Não Governamental FSC⁷ (Conselho Brasileiro de Manejo Florestal) que tem atualmente sessenta escritórios no mundo, sendo um deles no Brasil, tem sua imagem estampada nas embalagens dos alimentos à venda nos supermercados. A imagem mais visível, porém, está nos seis milhões de hectares de florestas atualmente certificadas pelo FSC no Brasil.

⁶ Alternativa ao desmatamento zero. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 28 jul. 2012. Caderno Pensar & Agir, p. 9-11.

⁷ Forest Stewardship Council.

Nas florestas certificadas é permitida a extração da madeira. Só que ela é feita de forma controlada, para que a floresta tenha tempo para repor o que dela extraíram.

A formação ética exige de nós a compreensão de que teoria e prática não são duas coisas separadas, mas existe uma vital interação entre o teórico e o prático, entre a maneira de pensarmos acerca das coisas e o nosso modo de lidar com elas. É dentro desta perspectiva que queremos estender nossas considerações a respeito do cuidado que devemos ter com os rios que recortam nossas terras.

Sem dúvida, não é difícil ao homem extasiar-se diante de uma fonte, onde a água pura brota contente por entre as pedras do chão, salpicando de gotas refrescantes as plantas que crescem ao seu redor, antes de espalhar-se sobre a areia que recobre o solo que lhe servirá de leito. Contudo, é necessário não deter-se nesta contemplação e ir mais além, para indagar sobre o caminho que esta água percorrerá e aonde tão ligeira ela quer chegar. Por certo, ela se ajuntará a outros cursos de água, que com ela formarão um rio de maiores proporções.

Dentro do tema da sustentabilidade, é preciso cuidar das margens e das matas que existem por onde os rios circulam. A recomposição da cobertura vegetal do terreno propicia a infiltração da água das chuvas no solo, recuperando nascentes e propiciando aos rios um desenvolvimento satisfatório.

O apreço ao estudo da natureza é facilmente percebido nos escritos de John Dewey. No livro *Experiência e Natureza*, ele destaca duas condições que o método empírico requer da filosofia. A primeira delas é que os métodos e as produções refinadas sejam conectados com sua origem na experiência primária em toda a sua heterogeneidade e plenitude, de modo que as necessidades e os problemas de onde se originaram e a que tem que satisfazer sejam reconhecidos. A segunda é que os métodos e conclusões secundários sejam trazidos às coisas da experiência ordinária em toda a sua rudeza, a fim de que sejam verificados.

O conceito deweyano de experiência, com sua ênfase na reflexão, interação e transação constitui uma tentativa de criar uma nova epistemologia orientada para a prática – uma epistemologia experimental que repercuta em sua teoria dos valores⁸.

Ilustrando este ensinamento, trazemos aqui um exemplo mostrado no jornal Estado de Minas como parte das publicações da série “Rios de Minas” em 14 de julho de 2012, que nos leva a entender a sustentabilidade como um conceito amplo que abrange o compromisso de organizações e autoridades, mas também de todos os envolvidos de uma comunidade.

⁸ GRACIANO. Jane Erny de Castro Graciano. *O Conceito de Valor na Ética de John Dewey*. 2012. p. 17. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte.

No artigo *Onde Brota a Esperança*, Flávia Ayer e Luiz Ribeiro mostram que, em meio ao mar de devastação que asfixia cursos d'água em todo o estado, intervenções recuperam a vida onde ela havia secado, provando que um futuro mais limpo é possível⁹.

Eles narram uma história de abuso, mobilização e vitória ambiental referente ao leito do Riachão, no norte de Minas. Este rio perene, tributário do Rio São Francisco, parou de correr na década de 1990, por causa da captação excessiva de água para a irrigação, próxima à sua nascente em Montes Claros. O jornal recorda a revolta de um produtor rural, ao percorrer o leito seco do Riachão nos fundos de sua propriedade em Coração de Jesus. Quem sugava as águas, já nas cabeceiras, condenava à seca cerca de três mil pequenos produtores ao longo de 96 quilômetros da bacia, os quais, diante de tal ocorrência, ameaçavam desativar com as próprias mãos os equipamentos de irrigação. Na ocasião, uma reportagem do *Estado de Minas* a respeito do assunto fez com que o caso ganhasse repercussão nacional. Em outubro de 2003, o Instituto Mineiro de Gestão das Águas (IGAM) lacrou as bombas, encerrando uma luta que se arrastara por uma década.

A reportagem atual constata que a natureza deu a resposta, e mostra que o leito renasceu em água e peixes. Um agricultor residente próximo à nascente do Riachão em Montes Claros dá seu testemunho à reportagem feita pelo Estado de Minas, dizendo: “Valeu a pena. Hoje sinto aliviado de ver o rio correndo de novo”.

Quanto ao produtor residente em Coração de Jesus, ao ser entrevistado dois dias antes da publicação da reportagem, mostrava-se emocionado ao ver o Riachão, tributário do Rio São Francisco, cheio mesmo durante severa estiagem. Contudo, ele adverte para a necessidade da constante vigilância e cuidado com o Riachão, porque na região próxima a ele está acontecendo uma venda desordenada de chácaras, o que poderia acarretar falta de água em pouco tempo. É preciso ouvir a voz das populações interessadas e atender à situação delas, a fim de interpretar adequadamente os seus anseios.

Pode-se dizer que a ciência deste agricultor repercute um ensinamento de John Dewey em sua *Teoria da Valorização*: “Os juízos de valor colocam as coisas num contexto mais amplo e julgam-nas de maneira mais completa em relação às suas consequências.”¹⁰

Os fatos aqui narrados nos apontam também para a importância da comunicação em todas as realizações descritas. Em uma experiência de comunicação, todos os eventos da natureza tornam-se sujeitos à reconsideração e à revisão. Os eventos, uma vez nomeados,

⁹ Onde Brota a Esperança. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 14 jul. 2012. Caderno Gerais, p. 19.

¹⁰ DEWEY. John. Theory of Valuation. In: DEWEY. John. *The Later Works*, 1925-1953. Volume 13: 1938-1939. Carbondale: Southern Illinois University Press, 1988, p. 209-213.

passam a ter vida independente e seus significados podem ser combinados, formando novos arranjos na imaginação¹¹.

Ao concluir, reconhecemos que é preciso entender a vida como tarefa solidária e jubilosa. Sentir o dever de entregar a terra às gerações vindouras, num estado em que elas também possam dignamente habilitá-la e continuar a cultivá-la.

“Só um humanismo aberto ao Absoluto pode guiar-nos na promoção e realização de formas de vida social e civil – no âmbito das estruturas, das instituições, da cultura, do *ethos* - preservando-nos do risco de cairmos prisioneiros das modas do momento”¹².

¹¹ GRACIANO. Jane Erny de Castro Graciano. *O Conceito de Valor na Ética de John Dewey*. 2012. p. 52. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte.

¹² BENTO XVI. Carta Encíclica *Caritas in Veritate*. 2ª ed. São Paulo: Paulinas, 2009, p. 140.

REFERÊNCIAS

BENTO XVI. Carta Encíclica *Caritas in Veritate*. 2ª ed. São Paulo: Paulinas, 2009.

DEWEY. John. *Experience and Nature*. New York: Dover Publications, 1958.

DEWEY. John. Theory of Valuation. In: DEWEY. John. *The Later Works*, 1925-1953. Volume 13: 1938-1939. Carbondale: Southern Illinois University Press, 1988.

FREGE. Gottlob. *Lógica e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Edusp, 2009.

GRACIANO. Jane Erny de Castro Graciano. *O Conceito de Valor na Ética de John Dewey*. 2012. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte.

MURPHY. John. *O Pragmatismo – De Peirce a Davidson*. Tradução de Jorge Costa. Portugal: Edições Asa, 1990.

Onde Brota a Esperança. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 14 jul. 2012. Caderno Gerais, p. 19.

VAZ. Henrique C. de Lima. *Escritos de Filosofia IV – Introdução à Ética Filosófica 1*. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

VAZ. Henrique C. de Lima. Ética e Razão Moderna. *Síntese - Revista Trimestral da Faculdade de Filosofia da Companhia de Jesus – Centro de Estudos Superiores*, Belo Horizonte, v. 22, n. 68, p. 53-85, jan-mar. 1995.